

SUEREDO UNIVERSITY OF ARIZONA B 39001017901284





PASSARO QUEBRADO

Quatro partes compõem a nova coletânea de poemas de

Guilherme Figueiredo:

A primeira (Minha Mãe, 10 textos) é uma comovente evocação da figura materna, envolvida em alguns conhecidos episódios da vida real do Autor. A segunda (Poeira de Livros, 20 textos) é um tributo a grandes nomes da cultura ocidental, através de traduções, paráfrases ou dramatização de fatos biográficos de alguns deles. A terceira (O Gesto de Adeus, 27 textos) é uma reunião de poemas líricos, a maioria sonetos, em que o Autor aborda preferencialmente tema do amor, numa atitude de serena despedida. A última parte (Canção de Ninar para Hiroxima) responde a uma das maiores provocações que a modernidade faz à arte: a tragédia da bomba atômica, que já forneceu uma obra-prima no cinema e continua a desafiar a literatura.

O tom pessoal da poesia de Guilherme Figueiredo, neste seu terceiro livro do gênero, se reflete também na sua forma de expressão: alguns sonetos procuram fugir à tradição do esquema 4-4-3-3, com algumas variações para o modelo inglês 4-4-4-2, e a própria estrutura interna dos versos procura escapar à rigidez gramatical mediante a supressão da pontuação, como que deixando ao leitor a tarefa de associar os ter-

PÁSSARO QUEBRADO

Figueiredo, Guilherme, 1915-F49p Pássaro quebrado: poesias / Guilherme Figueiredo. — Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1983.

Dados biobibliográficos do autor

1. Poesia brasileira I. Instituto Nacional do Livro II.

CDD — 869.91 CDU — 869.0(81)-1 GUILHERME FIGUEIREDO

PÁSSARO QUEBRADO

Poesias

LIVRARIA EDITORA CÁTEDRA
RIO DE JANEIRO
Em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA
BRASÍLIA
1983

0-11/01

Copyright by Guilherme Figueiredo

Capa: Luiz Falcão

Direitos para a língua portuguesa reservados à Livraria Editora Cátedra Ltda. Rua Senador Dantas, 20 s/806/807 Tel.: 240-1980 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

1983

Impresso no Brasil Printed in Brazil

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

Guilherme Figueiredo nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 1915, sendo seus pais Euclides de Oliveira Figueiredo e Valentina Silva de Oliveira Figueiredo. Formouse em Direito no Rio de Janeiro, ano em que publicou seu primeiro livro, *Um violino na sombra* (versos). Já então exercia a profissão de jornalista, na qual continuou, encerrando suas atividades na imprensa quando seu irmão foi eleito Presidente da República, por entender que não teria isenção de ânimo nem mereceria crédito em seus artigos de crítica ou aplauso. Foi crítico de literatura, música e teatro de vários jornais e revistas. Publicou poesia, livros de contos, romances, obras de divulgação musical. O teatro levou-o ao magistério, tornando-se professor de História do Teatro do Conservatório Nacional do Servico Nacional de Teatro, em 1949. Ainda estudante, acompanhou seu pai que comandou a Revolução Constitucionalista de 1932; defendeu-o perante o Tribunal de Segurança do Estado Novo, colaborou nos artigos que escrevia da Casa de Correção, e no livro Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista, assim como em discursos e projetos de lei quando Euclides de Figueiredo se tornou deputado, na Constituinte de 1946. Considera que tiveram fundamental influência em sua formação seus pais, ambos dotados de cultura literária e artística, seu tio Bento Bastos da Silva, o coronel Palimércio de Rezende, a professora Candelária de Lima Mendes (tia Candê), e Mário de Andrade, que o conduziu às idéias da Semana de Arte Moderna de 1922 e com quem manteve extraordinária correspondência até o falecimento do Papa do Modernismo. Guilherme Figueiredo presidiu a Associação Brasileira de Escritores em 1946/47; a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, onde é Conselheiro; dirigiu a Televisão Tupi; foi adido cultural junto à Embaixada do Brasil em Paris; e é hoje reitor da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), de que faz parte o Curso de Teatro, ex-Conservatório, onde é o mais antigo professor. Premiado duas vezes pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, pelas peças Um Deus dormiu lá em casa e O asilado, duas vezes com o prêmio Municipal do Rio de Janeiro, pelas pecas A raposa e as uvas e O asilado, duas vezes com o Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras, com a peca Um Deus dormiu lá em casa e o ensaio Xântias, pela Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo, pela tradução de Tartufo, de Molière, pelo Festival de Música e Drama comemorativo dos 40 anos da Revolução Soviética, em Moscou, com a peça A raposa e as uvas. É cidadão honorário do Estado da Guanabara, membro da Hispanic Society of America, de New York; recebeu do Governo francês a Medaille de la Reconnaissance, os títulos de Cavaleiro e depois Oficial da Ordre des Arts et Lettres, o de Cavaleiro da Ordre du Mérite Scientifique e da Ordre Nationale du Mérite; é Grande Oficial da Ordem de San Martin. da Argentina, Grande Oficial da Ordem do Rei Alfonso X, el Sabio, da Espanha, e membro correspondente do Institut de France.

GUILHERME FIGUEIREDO

Obras publicadas

Poesia:

Um violino na sombra, 1936. Ração de abandono, Editora Cátedra, 1974 e 1978.

Romance:

Trinta anos sem paisagem, 1939. Viagem, 1965. O outro lado do rio, 1962. 14 Rue de Tilsitt, Paris, 1974.

Contos:

Rondinella, 1942.

Os sete pecados capitais, 1962, com outros autores. Os dez mandamentos, 1962, com outros autores. História para se ouvir de noite, 1963. Papai Noel para gente grande, Editora Cátedra, 1976.

Teatro:

Lady Godiva, 1949; Greve Geral, 1950; Um Deus dormiu lá em casa, 1949; Don Juan, 1950; A raposa e as uvas, 1953; Tragédia para rir, 1957; Os fantasmas, 1957; Balada para Satā, 1958; O asilado, 1962; A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso, 1955; Bum!, 1956; A menina sem nome, 1956; Quatro peças de assunto grego, 1963; Seis peças em um ato, 1967; Maria da Ponte, 1977.

Traduções:

Chateaubriand, de André Maurois, 1942; Shostakovich, de Victor Seroff, 1945; O despertar da França, de J. J. Servan Schreiber, 1968; Ação para o futuro, de P. Mendès-France, 1968; Tartufo, de Molière, 1952, 1959; Além das forças, de Bjornstén Bjornsen, 1962.

Diversos:

Miniatura de história da música, divulgação, 1952; Xântias, ensaios, 1960; Tratado geral dos chatos, humorismo, 1962, 1975; As excelências, reportagem, 1964; Comidas, meu santo, 1964; Comes e bebes, 1978; A pluma e o vento, Editora Cátedra, 1977; Variations sur l'amour, 1967; Naissance du Brésil, 1967; Tartufo 81, tese de doutorado, 1981.

Livros infantis:

A história da arca de Noé, 1950, 1962, 1970. Pedrinho e Teteca, 1959. A menina sem nome, 1972.

SUMÁRIO

| Pássaro quebrado | 15 |
|---|----|
| Minha mãe | 17 |
| I — Pietá | 19 |
| II — A insônia | 21 |
| III — O berço | 22 |
| IV — O amigo | 23 |
| V — O sopro | 24 |
| VI — O orgulho | 25 |
| VII — A outra | 26 |
| VIII — A visita | 27 |
| IX — O condenado | 29 |
| X — O adeus | 31 |
| Poeira de livros | 33 |
| Penélope | 35 |
| Catulo, LXXII | 36 |
| Catulo, LXXVI | 37 |
| Catulo, CVII | 38 |
| Francesca | 39 |
| Peire Vidal (1160-1205) | 40 |
| Beatrice | 41 |
| Anônimo Espanhol, sec. XVI | 42 |
| | 43 |
| Camões | 44 |
| Bartolomé Leonardo de Argensola (1562-1631) | 45 |
| | 46 |
| Sevigné | IU |

| Soneto de Tristão e Isolda | 47 |
|--|----|
| Don Quijote | 48 |
| Stecchetti | 49 |
| Rilke | 50 |
| Freud | 51 |
| Rimbaud | 52 |
| Alberto D'Oliveira | 53 |
| Bilac | 54 |
| Soneto do vinho (Jorge Luís Borges) | 55 |
| O gesto do adeus | 57 |
| Quero teus dedos no meu travesseiro | 59 |
| Um dia pedirei um pouco dágua | 60 |
| Nem sei onde pendurar | 61 |
| Não não me mandem versos meus amigos | 62 |
| Ajoelhei meus versos a teus pés | 63 |
| Leutgeb | 64 |
| Jazes: ninguém recorda o teu passado | 65 |
| Eu sou como um castelo que te espera | 66 |
| Canção de Tristão | 67 |
| Se tu tens gênio, Quijote | 68 |
| Nas tocaias de amor amor não poupa | 69 |
| Agora que teus seios despontaram | 70 |
| Sinto-o perto de mim, mão no meu ombro | 71 |
| Flor, fosses flor de longe eu te amaria | 72 |
| Canção | 73 |
| Dispo-me sem sofrer. Vão-se os anéis | 74 |
| Quero fazer-te amor, amor, de olhos fechados | 75 |
| Quando eu não te chamar como te grito | 76 |
| Quando vejo esses livros nunca lidos | 77 |
| No seu túmulo jazem meus segredos | 78 |
| A pérola que espera o teu olhar | 79 |
| Terra seca de sol, quando revive a flor? | 80 |
| Bebo a todos os poetas | 81 |
| Pelo amor de Deus, enterrem-me | 82 |
| Não te faço poesia alguma; quero | 83 |
| Nas minhas pegadas na areia virgem teu poema | 84 |
| Matei um homem que me perseguia | 85 |
| Canção de ninar para Hiroxima | 87 |

Rimer me faut. (Rutebeuf)



PÁSSARO QUEBRADO

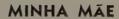
As asas, com o destino do vento, às escuras, Não podem ser mãos postas nem ao menos ser braços Se as penas depenadas partem em estilhaços De vida, em trajetórias de ansiosas desventuras.

Conteúdo de pássaro, alma ou que quer que sejas, Grito na solidão e orgasmo de esperanças, Que fiz eu de meu vôo, das serenas andanças, Das procelas injustas, das nuvens benfazejas?

Que maldito grasnado, que aflita melodia Parte ainda de mim enquanto se anuvia O meu olhar, e a terra em pó de estrelas medra...

E desço, fcaro inútil, ave inútil, cometa Enamorado de um olhar de borboleta, E me esfacelo no meu túmulo de pedra.







I — PIETÁ

Minha mãe recebeu-me resignada
Dilacerada pela carne a dentro
Sem decidir ser gozo ou sofrimento
O chicote voraz que a vergastava;
Transformou-se em meu ar, meu sal, meu manto
Fez-me seu ar, seu sal, seu manto, seu
Bordado de esperar — até rasgá-la.
Ela chorou, chorei. Contou-me os dedos.

E minha mãe tinha um sabor de leite E minha mãe tinha um sabor de sopro Na ferida — e seus braços eram vida Guardando a vida na vergonha e fome. E minha mãe tinha um olhar tão calmo, Minha mãe, era como um cortinado Sobre uma flor, para que a flor não fosse Espinho de matar, veneno ou luxo.

E minha mãe iluminava a letra
Da folha aberta, no condão do dedo,
Universo de sons que eu trauteava,
Gota de sua fé no meu silêncio
Como a cantar cartilha e catecismo
Como se eu aprendesse a ser poeta
Na língua de não ter adeus, no seio
Que buscava em meu lábio um alimento.

E minha mãe no branco dos cabelos Era um lençol de paz, meigo fantasma: Pousava no meu peito desamado, Na barba por fazer, no choro irado, Na boca de álcool, na pupila ardida, Tão por dentro de mim que meu soluço Desesperado, a soluçar: "Querida!" — Esqueceria a ingrata que eu quisesse.

E minha mãe de mãos ajoelhadas
No peito magro em que mordi seu sangue,
De artelhos tortos entre rosas murchas
De tanto andar por mim de asas abertas,
Minha mãe esfumada nos meus olhos,
Apodrecida no porão da noite,
Minha mãe me fez órfão de repente
Para não ter ao colo o filho morto.

II — A INSÔNIA

Eu fingia chorar para chegares Nuvem pé ante pé ante meus olhos Secos, que eu apertava em arrepio: E então deles fugiam para longe Os morcegos da noite, o rosto quieto De Frederico o Grande, Rei da Prússia. E de uma bisavó pintada a óleo De seios e bigodes entre rendas. Teus dedos harpejavam meus cabelos Tua saia espantava o ar pesado: E o retrato da Virgem de Murilo Resplendia em teu ar. E tu cantavas. Ah, nenhum canto de sereia ou Dona, De Circe, Galli-Curci, de mulata De cabaré ou do anjo Palestrina Me fazia dormir como esse céu. Para ter-te mais tempo à cabeceira Eu sonhava contigo, minha mãe. Agora, quando choro de verdade, Surda de me escutares, não me escutas.

III - O BERÇO

Como as flores e o cheiro das flores

Ao vento me embalanças
Como o pássaro no alto do ramo

Ao vento me embalanças
Como as órbitas ao infinito

Ao vento me embalanças
Como o riso e o véu da noiva

Ao vento me embalanças
Como a mão que chama ao longe

Ao vento me embalanças
Como a jangada entre as luas

Ao vento me embalanças
Como um pêndulo no tempo

Ao vento me embalanças
Como um compasso de música

Ao vento me embalanças
Como a carne da tua carne
A vida me embalanças
Como um turíbulo, mãe,
Eu te incenso em meu hálito.

IV - O AMIGO

O menino era o amigo da calçada
Sem sapatos nem mãe; o nome feio
É a mãe! — dele aprendi; e ele me dava
A laranja roubada na quitanda
Eu lhe dava o meu pão com goiabada.
Um dia ele me viu tomar-te a mão
Chegou-se, trêmulo, beijou-te a mão
E me disse: Deve ser bom ter mãe.
E quando machuquei o pé, na fúria
Do deslumbrante futebol de rua
Foi ele quem correu à nossa casa
E te chamou em pânico: Mã-nhê!

V --- O SOPRO

Nem sabias colar uma estampilha
Reconhecer a firma e dar recibo
Mas sabias Le lac de Lamartine
E tocavas Madame Chaminade
Com saudade da moça teu passado;
La bicicletta, a Cuore 'ngrato, a Sulo
A Maria, Mari, Quand l'amour meurt
De que tanto gostei porque gostavas.
Meu primeiro Chopin, minha primeira
Sonata de Beethoven, meu primeiro
Verso dito em francês para visitas
Foste tu, minha mãe, que me fizeste
Inventar ser o artista que não foste,
Como eu quis tanto ser tua obra-prima,
Como soubeste ser minha obra-prima.

VI - O ORGULHO

As samambaias, tu dizias, querem sempre
Algum sol, pouco vento, um copo dágua fresca
E alguém que venha olhar a dança de seus dedos
Era a receita que passavas à vizinha
E me davas também um copo dágua fresca
E mostravas teu filho à vizinha invejosa.

VII - A OUTRA

Não quis dizer-te o nome da mulher sem rosto Que arrancou meu pudor com seus dentes de riso Apenas abaixei a cabeça em silêncio E viste que eu não era mais o mesmo filho. A sopa estava fria, o pão ficou intacto. Levantei-me sem ar sem fala e me falaste — Vai, meu filho. Boa noite. Vai. Sonha com os anjos.

VIII - A VISITA

Na mão a cesta e nela alguma roupa Um bolo quente temperado em lágrimas Uma imagem de Santa Terezinha E subias a Rua Frei Caneca (Frei fuzilado, sabes?) e passavas Os portões da miséria. Os guardas vinham Destroçar o farnel das quintas-feiras Como outros destroçaram teu domingo Teus dias nunca inúteis de trabalho, Os livros, os papéis, as velhas cartas Teus amores-perfeitos, teu presente Teus amigos: à ponta de focinho E à ponta de colmilhos destroçavam. O Sargento Canepa decidia: - Hoje não tem visita! Vão-se embora! Seu chicote afagava as próprias botas. Data daí, ó minha mãe (segredo Que digo em teu ouvido de segredos) O sentimento especial que oferto Aos esbirros de todas as torturas Aos guardas aos espias dedos-duros Aos informantes aos mantenedores Da ordem geral para o progresso de uns (De tal maneira que na fita em série Sempre fiquei do lado do bandido) Aos ricaços pilatos de mãos postas Em bacias de merda cintilante

Aos lacaios e donos dos lacaios
Aos ditadores do sorriso cavo
Aos ministros de lerdas ante-salas
Onde dormi à espera de licença
De mandar aspirina a nosso pai.
Naquele bolo esfarinhado à unha
Farejavam mensagens. Pois havia,
Invisível mensagem: teu amor.
Aquelas roupas brancas desfolhadas
Eram o teu afago no seu corpo
Ah, os olhos da santa eram teus olhos...
Só mesmo um bando de filhos-da-puta
Julga ser pátria o cárcere que inventa.

IX — O CONDENADO

Senhor alferes, quero ver-te a cara, Cara escondida no grotão das Minas Onde a escara da boca se escancara E desmascara o horror das nossas sinas;

Quero saber da cara desse cara: Cara coroa? Cara de homem moço Por cuja língua afora a vida cara Baba como uma corda no pescoço;

Cara de marginal, de babacoara, Cara mais caricata que nem sei Que mal gritara em vez de encher a cara A beber, cara moita, a ara do rei.

Vai, cara de palhaço, cara ignara Que uma alcunha chamara Tiradentes, É a pátria que te dá tapa na cara: Quem mete a cara ao sonho perde os dentes.

Será que esquartejaram tua tara O amor do vento, o vício do horizonte O cara irmão que encaras cara a cara? Ou o cara que a cara te amedronte? Cara de arara a declarar "Libertas..." Nem pudeste aclarar "quae sera tamen..." Nós esperamos, caras boquiabertas, Não que te pintem, cara, mas que te amem,

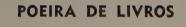
Não que tenhas a cara que te esboço Nem a preclara tez que o tempo lavra: Queremos que o teu rosto seja o nosso, Rosto livre no riso e na palavra.

Minha mãe, essa cara é nossa cara Um olhar, uma ruga, um ricto, um ai: O mártir que uma lei ressuscitara Sou eu, meu filho, meu irmão, meu pai.

X — O ADEUS

No meu sonho de velho és tu que vens Amada sem traição, mão de repouso. Ah, se eu pudesse te falar ainda Dizer que quis ser bom, que quis cumprir O destino fraterno que ensinavas... Tua boca sem dentes e sem fala Me diria a palavra-vida: amor Teus dedos descarnados, minha mãe, Se estenderiam como luz de bênção E viriam em paz fechar meus olhos No túnel de tua boca de onde foge A última libélula de dor O último sonho preso na garganta O teu adeus sem som — quero invadir A noite eterna desse túnel, mãe, Minha vida, tua vida, minha morte.







PENÉLOPE

Como essas conchas que depois de mortas Com saudades do mar ouvem o mar E com a voz do mar chamam o mar Assim serei depois de minha morte

Não fóssil nacarado orelha dura Que perscruta o passado e o rememora Em eco tresloucado a cada ouvido Apenas buscador de uma surpresa.

Eu não. Se te inclinares no meu peito Já sem carnes nem sangue jaula inútil De um coração que os vermes destroçaram Ouvirás o refrão que hoje te entôo

Canto de pássaro esquecido enquanto Bordas no meu silêncio o teu bordado.

CATULO, LXXII

Lembra-te, Lésbia? Outrora tu dizias: Só Catulo teria os teus favores E que as minhas carícias preferias As de Zeus, se ofertasse seus amores

E que aos beijos de Zeus preferirias Os meus, se o deus quisesse os teus favores. Eu te amava bem mais do que de amores De amante: como um pai, tu me dizias.

Como hoje eu te conheço! Mais que nunca Eu te amo e já não és clarão e chama: És um amor que a vida torce e trunca.

Como te desamei? Se desanima Viver, deixa que eu diga: o amante te ama Cada vez mais — e mais menos te estima.

CATULO, LXXVI

Se o bem que pratiquei me traz consolo, Se jamais perjurei, se ao semelhante Jamais ofereci engano ou dolo, Que mal merece o coração amante?

Se visto a pele de infeliz e tolo, Se não fujo de amor tão infamante, Deixai que o leve, deuses: quero pô-lo Em óbolo no altar de seu semblante.

Suplico-vos: trocai-o por socorro Que a proteja das rugas e da morte, Dai-lhe em riso os soluços que estrangulo,

Dai-lhe em gozo a vergonha de que morro: Se em vida não me destes melhor sorte, Deuses, chorai o mísero Catulo.

CATULO, CVII

Se um acontecimento inesperado Atende às orações de algum mortal, Não há ventura que lhe seja igual, Não há sonho mais sonho realizado.

Exulto em alegria desabrida: Lésbia volta! Oh, mais caro dos tesouros, Nada vale em poder, diamantes, ouros, Tua presença que supus perdida.

Para sempre tu voltas! Sóis brilhantes, Estrelas mil, cometas que fugis, Bebei em mim a luz em que é nutrida

A luz de amor dos olhos dos amantes! Dizei: alguém é hoje mais feliz? Hoje haverá quem ame tanto a vida?

FRANCESCA

Com meu olhar no teu olhar eu lia O amor de Lancelote e Guenevera Letra a letra tecido de poesia Desperdício de outono em primavera.

Que longe pátria que distante a era Onde alma a alma em vão se prometia Glória de castidade que nem era Mais que um simples adeus de mão vazia...

Lias; e abrindo as páginas teus braços Se abriam e meu dedo percorria Linhas que em teu regaço o livro abria;

E o lábio abriste e o seio e os olhos lassos E o ventre Bíblia aberta livro eterno De um segundo de Céu. Que importa o Inferno?

PEIRE VIDAL (1160-1205)

Que eu saiba descantar a trova doce Afirmai sem fantasma de suspeita Pois a voz modulei como se fosse A do esposo que a vosso lado deita.

(Tal estro eu enfeitei tanta candura De conjugal e súplice desejo Que a casta viscondessa por ternura Beijou meu canto como escuta um beijo.)

Desditoso de mim ah desgraçado Que no roçar de um lábio enfeitiçado Perdi pátria fortuna honras e fama

Banido desses olhos peregrino Sem cruzada sem crença sem destino... Assim fará mil vezes quem vos ama.

BEATRICE

Oh pirralha inocente sobre a ponte Nem seios tens porém já tens o riso O olhar o andar o ar tudo que conte Inferno Purgatório e Paraíso.

Cantas em vão, recém-nascida fonte, Fruto que em sonho estupro sem juízo, Mais infanta que dona cujo monte De Vênus adivinho branco e liso.

Brincas: à tua volta uma cidade Brotará: é a tua apoteose O teu escrínio a tua catedral

De anjos pintores gênios. Tua idade Não terá sexo para que eu te goze. Dá-me esta mão e faze-me imortal.

ANÔNIMO ESPANHOL, SÉC. XVI

Não me move, meu Deus, para querer-te O céu que me tens tanto prometido E nem me move o inferno tão temido Para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te Cravado numa cruz e escarnecido, Move-me ver teu corpo tão ferido, As afrontas e à morte sem mover-te.

Move-me o teu amor, de tal maneira Que até sem haver céu eu te amaria, Sem o inferno temer, temer-te-ia.

Nada tens de me dar porque eu te queira: Sem esperança até te esperaria. Como te quero assim te quereria.

RONSARD

Quando fores bem velha, à noite, à luz da vela, Sentada ao pé do fogo, emendando e fiando, Dirás, lendo meu verso e te maravilhando: Ronsard me celebrava enquanto eu era bela.

Nem criada terás a ouvir a minha trela E que ao fim do labor e meio cochilando Ao bater de meu peito acabe despertando Para benzer teu nome em louvação singela.

Estarei sob a terra e, fantasma escarnado, À sombra de chorões dormirei sossegado; Serás junto à lareira apenas uma anciã

Lastimando este amor e a arrogância perdida. Vive, se me crês, não esperes o amanhã: Colhe, desde hoje, amor, colhe as rosas da vida.

CAMÕES

Amor é susto que se torna um hábito É relâmpago que se cristaliza É não saber andar onde se pisa E morrer de nascer nascer de um óbito

É buscar o infinito andando em círculo É velejar sem rumos e sem brisa É crer que cada instante se eterniza E ter a majestade do ridículo

É ter sabedoria na inocência E cândida nudez sem dor nem mácula É sofrer a indecência da decência Ser anjo Frankenstein arcanjo Drácula

Amor é aprendizado sem lições Que o digas tu não eu meu bom Camões.

BARTOLOMÉ LEONARDO DE ARGENSOLA (1562-1631)

Quero vos confessar, Don Juan, primeiro Porque a alvíssima cor de Dona Elvira Dela nada mais tem, se bem se mira, Senão ter-lhe custado seu dinheiro.

Mas além disto confessar-vos quero Que tal beleza tem sua mentira Que em vão a competir com ela aspira Beleza igual em rosto mais sincero.

Mas que importa se então perdido eu ande Por um engano tal, pois que sabemos Que nos engana assim a Natureza?

Porque este céu azul que todos vemos Nem é céu nem azul. Lástima grande Que não seja verdade tal beleza!

SEVIGNÉ

Eu te escrevo tão só para os teus olhos Menina dos meus olhos olhos meus Para me leres dentro do meu lume Estas linhas de tinta do meu sangue

Neste papel de pele tatuada Sob esta vela de oração e morte Eu te escrevo segundo por segundo Ampulheta de amor que é minha pena.

Ninguém só tu lerás estas palavras Pois nunca amor foi seta tão certeira Nunca uma confissão cotidiana

Foi tão fio de voz para enleiar-te. E de tanto dizê-lo ao teu olhar Serás eterna em minha eternidade.

SONETO DE TRISTÃO E ISOLDA

Pois bem agora agora que teus lábios E meus lábios contêm um só veneno E cada mão nossos segredos sabe-os E em cada ouvido a morte entoa o treno,

Agora que são vãos respeitos sábios E teu olhar tal como o meu, sereno, Marcha no gozo os últimos ressábios Última crispação último aceno,

Deixa que diga antes que eu emudeça Perdemos lealdade fé cabeça A vergonha o pudor a honra a vida

Perdemos tudo e em tudo nos perdemos Menos agora o instante em que nos demos Querida como a vida mais querida.

DON QUIJOTE

Doña Aldonza Lorenzo espúria dama De pés no esterco a revolver o arado De catre piolhento em vez de cama De mãos de urina de ordenhar o gado

Pois se à falta de moça é boa Aldonza Lavradora de coxa bem fornida És bastante imbecil para ser sonsa E com saber para não ser sabida

Senhora do meu sonho e pensamento Sem lume de poesia com que gozo Me prosterno gigante braço ao vento

Oblato ao céu meu coração ditoso E assim musa de fétido excremento Te sagro Dulcinea del Toboso!

STECCHETTI

Teu nome está cravado no meu peito Como uma faca e vejo-te assassina Retroceder a mão — crime perfeito Vida, paixão e morte minha sina.

Este sangue que sangra é uma resina De árvore que recebe como um preito Tatuagem sem cura dor divina Que exibo na nudez com que me enfeito.

Ao redor da ferida acendem velas Vem tu mesma ajoelhar-te murmurando Impropérios sem fé hipocrisia

Ao morto cuja morte tu regelas Leva-me à sepultura: verás quando Teu nome florirá da terra fria.

RILKE

Tenho pena de ti Deus de bondade Tenho pena de ti Deus iracundo Tenho pena de ti Deus-castidade Tenho pena de ti Senhor do Mundo.

Quem velará por ti depois da morte? Quem chorará por ti no teu deserto? Depois da minha qual a tua sorte? Após meu passo qual teu passo incerto?

Onde ouvir a jactância do teu credo? Para quem acender a luz do dia? Quem amará teus astros no céu quedo?

A quem balbuciar a Ave Maria? Se nos matas inventas teu inferno: Que eterna solidão oh Padre Eterno.

FREUD

Um sujeito invisível me acompanha Invisível sem som vento sem nada Espiando meus gestos e se assanha Ao ver a minha sombra acovardada.

Como espelho sem alma ele me apanha Em retrato apagado e sua alada Mão esculpe meu corpo com tamanha Precisão que me faço encruzilhada

De solidões insólita façanha De me reconhecer numa emboscada Onde sei vou morrer de minha manha

E vou matar-me em duelo em minha espada. Tão eu esse meu eu é transparente Que me faz de assassino e de inocente.

RIMBAUD

Um leito de verdura onde canta um regato Trançado loucamente entre as hervas prateadas; Onde o sol, a lavar o monte intimorato, Cintila. É um valezinho entre espumas douradas.

Um soldadinho, a boca aberta, a fronte nua, Com a nuca a banhar-se entre agriões azuis, Dorme; estende-se à relva; uma nuvem flutua Na sua palidez, gotas verdes de luz.

Com gladíolos nos pés ele dorme, risonho Como um menino enfermo a buscar-se num sonho. Natureza, acalenta-o, aquece-o! Ele tem frio!

Perfume algum lhe franze o menor arrepio; Ele dorme, tranqüilo, a mão posta no peito. Tem dois furos de sangue em seu lado direito.

ALBERTO D'OLIVEIRA

Um dia aconteceu (era eu criança). Um homem se matou (o meu vizinho). As vezes me encontrava no caminho, Me afagava e falava com voz mansa.

Tinha cheiro de sarro seu carinho E na voz um pigarro (esta lembrança Me assalta: ouço-a chamando de mansinho A esposa. Ela chamava-se Esperança).

Veio um dia a tragédia: o guarda à porta, A gente a se empurrar com os cotovelos; Olhei: ele mostrava a língua torta,

Os pés no ar, a corda entre os cabelos. Quanto tempo passou! Vejo-a mais lenta, Cheirando a sarro. Não me cumprimenta.

BILAC

Quando tudo passar esta febre esta fome Quando eu puder te olhar sem nos darmos os olhos Quando secar teu riso e meu pranto calar Quando nenhum achar que flor é flor e basta

Quando eu souber fechar as janelas à lua Quando não me encontrar a mão que não procura Quando nunca for todo um milênio de espera Quando nunca mais for o segundo supremo

Quando teu nome andar sem som no pensamento Quando eu não existir em lembrança ou silêncio Quando nenhum guardar um passado ou presente

Quando nosso saudar for um gesto educado Quando a alguém que chegar digas és o primeiro, Quando ninguém souber nem eu tu foste a só.

SONETO DO VINHO

(Jorge Luis Borges)

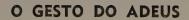
Em que reino, em que século, e sob qual silenciosa Conjunção de estrelas, em que secreto dia Que não salvou o mármore, surgiu a valorosa E singular idéia de inventar a alegria?

Com outonos de ouro a inventaram. O vinho Flui vermelho através de infindas gerações Como um rio do tempo e no árduo caminho Nos prodiga sua música, seu fogo e seus leões.

E na noite de júbilo ou na jornada adversa Ergue brinde à alegria ou acalenta o espanto E o ditirambo novo que este dia lhe canto

Outrora lhe cantaram o árabe e o persa. Oh, vinho, ensina-me a arte de ver a minha história Como se esta já fosse a cinza na memória.







Quero teus dedos no meu travesseiro No instante em que eu disser adeus ao mundo No instante do gemido moribundo Que será teu primeiro e derradeiro.

Quero teus dedos nos meus olhos quando Tua imagem fugir-me do horizonte E meu último olhar a olhar te conte Que foi único olhar o estar-te olhando.

Quero meu sopro no teu rosto aflito Meu frio e meu calor já sem alento Hálito em vão levado pelo vento

A gritar-te o silêncio do meu grito. Põe tuas mãos mas minhas de tal jeito Como um ramo de flores no meu peito. Um dia pedirei um pouco dágua, Um pouco dágua para a boca aflita, Com voz de adeus de tão sedenta mágoa Que nem dirá o que minha alma grita.

Encontrarás meus olhos e teus olhos Mais que ouvido ouvirão os meus desejos Espavorida em meu silêncio colhe-os Como o desperdiçar de mudos beijos.

Corre até junto à fonte a tua mão Em concha atenderá ao meu pedido. De teus dedos febris gotejarão

Instantes que eu podia ter vivido. Volta. Fecha meus olhos com cuidado E minha sede não terás matado. Nem sei onde pendurar A camisola do fantasma Para, invisível, entrar No oco do túnel, boca pasma, Olhar sem luz e mão sem tato, Ar sem olfato.

Quando algemarem no meu peito Com teu rosário as minhas mãos No odor de cera liquefeito Meus pensamentos mais malsãos, Alma danada, só meu nada, Alma de nada. Não não me mandem versos meus amigos Seja para deleite ou julgamento. Verso se é sem reverso é só tormento, Versos com endereço são castigos.

Mandem versos à amada o verso atento A louvar por amor não tem perigos Desliza por debaixo dos postigos Dos decotes buscando o bom intento.

Se o poema lograr lábio e cintura Dane-se a rima dane-se a cesura O metro coxo a cópia sem pudor

Mas se quer ingressar na antologia Se busca deslumbrar a Academia Longe de mim tal verso por favor. Ajoelhei meus versos a teus pés Deles te fiz tapetes e almofadas Lancei-os pelo ar em via láctea Triturei-os em pó para tua aura.

Adivinhei palavras indizíveis Muito além dos teus olhos e do mundo Dei de beber meu sangue e minha carne Serviu de pasto à fome indiferente.

Porque porque vendi minha alma a Deus Porque rezei a missa do demônio E porque te sonhei se eras verdade

Porque me sepultei no teu fantasma Porque morri ao gotejar do tempo Se não fui nada em tua eternidade?

LEUTGEB

Vem, desconhecido,
Encomenda-me o teu, o meu Réquiem,
O de teu patrão e deixa-me
Cinqüenta ducados na mesa
Entre o copo de vinho e o pentagrama
Onde me enforco em sons.
Todos morreram, todos
Lacaio, patrão, discípulo, mulher;
Só não morreu a música de minha morte.
Leutgeb, deixa-me terminar.
Depois enterrem-me só, na tempestade.

Jazes. Ninguém recorda o teu passado Teu dedo delator teu riso absorto Quando bastava um gesto delicado Para que um homem fosse vivo ou morto.

Há pranto ao teu redor. De cada lado Da tumba por escárnio todo um horto De flores te agasalha com cuidado Pela primeira vez flore um aborto.

Quanto choro por sobre os intestinos Que exalam tua lepra cotidiana De gases deletérios e mofinos!

E enquanto um necrológio alguém desova Penso em tudo que foste seu sacana Abro a braguilha e mijo em tua cova. Eu sou como um castelo que te espera Princesa para ser cárcere e alcova. Durmo de primavera em primavera Quebrando em cada vento que se mova

A cada tempestade a cada frio, A cada ninho de ave a cada avanço De pesadelos de morcegos, caio Aos pés de minhas pedras no remanso

Putrefato do poço que me enlaça. Vem princesa de seios de quinze anos Vem sofrer no meu muro que te abraça

Para murchar-te a vida e teus enganos Vem criança donzela vem menina, Vem ser a castelã de minha ruína.

CANÇÃO DE TRISTÃO

Lábios abertos em vertigem, Teu vago olhar no meu olhar, Esposa alheia quase virgem, Braço de areia em fim de mar Onde navego a minha pele, Minha saliva, mãos de aranhas Para escutar teu grito imbele E despertar tuas entranhas.

O teu marido, eu te pergunto, Porque te guarda sem destino, Não fez de ti seu só assunto Nem te ensinou como te ensino? Porque desdenha o teu encanto, Por que te deíxa para mim? Por que fui eu buscar teu pranto, O teu orgasmo, a vida, enfim?

Tanto prazer que não te deu,
Tanto calor com que te aqueço...
Nada é mais dele; tudo é meu:
Se não merece, eu te mereço.
Mas se vier buscar carinho,
Amor, não dês o que te dei;
É dele a culpa: está sozinho:
Não sou culpado se te amei.

Se tu tens gênio, Quijote,
Farás de Aldonza Lorenzo
Dulcinea del Toboso;
Da menina de doze anos,
Dante, farás Beatrice;
E teu soneto, Petrarca,
Viverá Madona Laura;
E teu soneto, zarolho,
Dirá de tua Natércia;
E te esconderás, negreiro
Dirceu, no amor de Marília;
E tu, Catulo, porás
A puta Lésbia no altar...
Oh, viragos feministas,
Nada entendeis destas coisas.

Nas tocaias de amor amor não poupa: Posto em sossego andava: recebi Uma carga de amor à queima-roupa (A queima-coração, vinda de ti).

Ia quieto na vida em minha estrada Pensando em vidas que jamais vivi; Súbito vem dos céus uma pancada De ver estrelas (ou de ver-te, a ti).

Dormia sem ter sonhos; nunca os tive. Que difícil sonhar-te! Só te vi Quando me despertaste: Vive! Vive! Desfiz-me em sonho e nunca mais dormi.

Que bem fizeste, que mal fiz a ti? Tu me ressuscitaste ou já morri? Agora que teus seios despontaram Como dedos por dentro da camisa, Agora, agora, tua mão desliza Buscando pêlos que se arrepiaram,

Agora que teus pés não mais pisaram Onde somente anjo da guarda pisa, Agora que teu ventre se matiza De lágrimas que se ruborizaram,

Agora já não tens mais esperanças De te olharem com olhos de criança E de olhares sem ver olhar adulto,

Agora, ao caminhares vais ouvindo Um sussurro voraz porém tão lindo Que te aflige e te mancha como insulto. Sinto-o perto de mim, mão no meu ombro, Mais terno que um efebo, mais atento Que um mastim, as orelhas em assombro E cuidado por tudo quanto intento.

Também censura. E susto. E menosprezo Pelos meus atos maus, meus pensamentos, Capaz de farejar, amigo preso, Os meus pecados e arrependimentos.

Tem desejos e sórdida cobiça, Sentinela espiã de minha vida: Acompanha meus gestos e se eriça, Asas e plumas de ave enraivecida.

Também te guarda um anjo. Estranho adeus O assalta. Ambos contemplam nosso amor, Abraçam-se entre lágrimas, sem Deus, Destroçados de inveja e de pudor. Flor, fosses flor de longe eu te amaria Constelação de pólen solta ao vento E teu sexo de flor se esconderia Das injúrias do sol e do relento.

Teu cálice de flor não beberia Mas terias em mim teu alimento; Tão pobre de pecado ele seria Como se te estuprasse um sacramento.

Depois, farta de néctar sem meu sumo Teu pólen voaria a todo rumo Incensando outras flores em oblatas...

Não, flor, jamais me dês glória tamanha: Deixa-me ser a aranha que te arranha, Te enleia em teia e te apunhala. E matas.

CANÇÃO

Ai, tenho a pálpebra ardida De olhar-te, amor, em transporte; Cansei de adorar a vida, Agora adore-me a morte.

Ai, tenho a pele ferida: Cada beijo, cada corte; Cansei de sangrar a vida, Agora sangre-me a morte.

Ai, tenho a estrada perdida, Os pés em chaga e sem norte; Cansei de buscar a vida, Agora busque-me a morte.

Ai, tenho a alma envelhecida De correr atrás da sorte; Cansei de jogar-te, vida, Agora jogue-me, morte. Dispo-me sem sofrer. Vão-se os anéis, Camisa de pudor, lã de agasalho, Os carpins de ouro fino, os saltos altos, Os laços cor-de-rosa dos sapatos,

O cinto marchetado, a espada inútil, A renda ao fim da manga, as mil medalhas, A grã-cruz, o cajado do poder, A gola em arrogante zigue-zague.

A plebe (porque a plebe está presente) Por sabujice pasma ante meu ventre, Nem mesmo ousa dizer que enlouqueci.

Uma criança berra que estou nu. Passo por ela e pela corja. Visto Minha alma. Fico inteiramente só. Quero fazer-te amor, amor, de olhos fechados Como se para amar extirpassem meus olhos, Como um resto de nau batendo nos abrolhos, Édipo tendo às mãos os olhos arrancados,

Como o artista que para acordar nos teclados O requinte do som perdido nos refolhos Do silêncio e da ausência apaga os próprios olhos Como lendo sem ver com olhos deslumbrados

Como cego tateando a poesia nos dedos Como um ébrio a beber o caminho na treva Como o infante a agarrar-te a afugentar os medos Como Abel e Caim mordendo o sangue de Eva

Quero que minhas mãos meu lábio meu desejo Te moldem numa estátua, um soneto ou um beijo.

75

Quando eu não te chamar como te grito Quando a voz não buscar o teu ouvido Quando nem vires meu tremor aflito Quando disserem que terei partido

Quando a carta voltar sem eu ter lido Quando acordares onde não habito Quando habitares no lençol perdido Quando doer o instante do infinito

Quando eu não mais bater à tua porta Quando não lermos mais a mesma linha Quando a minha saudade já for morta Quando a tua dormir em ti sozinha

Quando eu tiver passado como o vento Qual será qual será teu pensamento? Quando vejo esses livros nunca lidos Esses álbuns de discos costurados As serpentes de fitas enroladas O ar repleto de sons desencantados Cadernos brancos folhas esquecidas Jornais mais do que impressos esmagados Sinto que para trás tudo eram modas Os olhos mostram lágrimas e medos Homens não amam e nem são amados E pergunto se assim nos tempos idos Eram as gentes menos ilustradas De saber tal como é a luz de estrelas Que já morreram e podemos vê-las. No teu túmulo jazem meus segredos Amigo silencioso e displicente Minhas lágrimas sustos e meus medos No coração inerte e ainda quente;

Não mais exclamações e ditos ledos Não mais o teu conselho impertinente Não mais na mesa o ritmo dos teus dedos Fuzila minha fala confidente

Não mais mão no meu ombro voz singela A corrigir-me acertos e loucuras Não mais o demo que meu demo vela

Não mais teu cuspo de verdades duras Somente em cicatriz uma seqüela Doendo-me um adeus sangue às escuras. A pérola que espera o teu olhar Para ser pérola,

A borboleta abrindo os olhos de asas Para dançar-te,

A brisa de emboscada em teus cabelos Por teu perfume,

O gemido do pássaro perdido Se não o escutas,

E meu verso que ecoa sem destino, Meus destinos;

Tua estátua esculpida em meu silêncio Feita ausência

E tudo que em mancheias te ofereço, Mãos vazias. Terra seca de sol, quando revive a flor? Mar alto sem gaivota onde está minha areia? Meu deserto vazio, onde a minha sereia? Leito insone de ti, onde está meu amor?

Noite, onde luz em ti minha estrela escondida, Onde vai meu caminho, onde anda meu futuro, Onde morre o passado, e vive minha vida, Onde estão minha cruz, meu pelotão, meu muro?

Onde recobro voz para cantar-te um hino, Para pedir perdão, meu sacrário de preces? Que fímbria de horizonte esconde meu destino? Verde, verde esperança, oh, quando amadureces? Bebo a todos os poetas
Que em sujas escrivaninhas
Calculam rabiscam contam
Faturam registram somam
Amealham para o Estado
Crescem o pão do patrão
E no intervalo da fome
Entre um haver e um cifrão
Gravam na tábua da mesa
Nas aparas de papel
Um verso que um outro poeta
Garimpará na lixeira
Como um diamante no chão.

Pelo amor de Deus, enterrem-me Com as mãos fora da terra Para suplicar mais vida Para afagar o calor Para tiritar ao vento E para esperar que ganhem Uma aliança de pranto E como planta orvalhada Não como podre raiz Dez flores delas se abram Teu ramalhete de adeus Meu ramalhete de adeus Adeus, por amor de Deus. Não te faço poesia alguma; quero Que esta fala de amor, menos que idéia, Seja o fulgor de uma onomatopéia, Um bramido animal; logo, sincero.

Quero que neste som que reverbero Ouças o orgasmo, a vida que se estréia, Ai de vitória, dor primeira, fero Uivo humano nascente na alcatéia.

Nem rimarei neste rugido o grito Feito de sangue, lágrimas e esperma: É como se eu cantasse um infinito Que vai do meu vagido à minha herma,

Desde o Poema do Poeta do Universo Até o pó, o nada do meu verso. Nas minhas pegadas na areia virgem teu poema
No fundo da caverna ao fogo de Prometeu teu poema
Nas lajes de pedra do Monte Sinai teu poema
Na página dos ibis, dos apis, dos grifos teu poema
Nos olhos cansados de Santo Jerônimo teu poema
No chumbo das mãos de São Gutenberg teu poema
Na folha do dia entre horrores do mundo teu poema
No grito sem som da tecla de Morse teu poema
No casulo eletrônico enleado no espaço teu poema
No ventre do jato às outras esferas teu poema
Nas minhas passadas na areia de estrelas teu poema
Na carta que pobre chega a ser anônima teu poema.

Matei um homem que me perseguia Amigo como um cão Matei um homem que eu invejava Que eu imitava Matei um cão Matei um homem que me amava Que amava o meu amor Que sabia dizer versos de mel Matei o homem Que eu inveiava Que tentava roubar os meus amores Matei um homem que me empobrecia Que me aviltava em toda parte Que recitava com boca de álcool Que chorava lágrimas sinceras Pobre pobre só e só O poeta que havia dentro de mim.



CANÇÃO DE NINAR PARA HIROXIMA



Aqui seria o meu suicídio Se eu tivesse coragem. Tu me vês, meu amor, as mãos jazentes Os pés tortos e inúteis — e na boca A heróica espuma de ter dito não? Tenho, sim, é vergonha de ser homem Ou de não ter sido, Hiroxima, Hiroxima de pombos calcinados Voejando ao redor, auréola de remorsos, Hiroxima de chão de lava humana De onde às vezes, parece, vão florir Ossos de dedos mendigando a vida, Hiroxima, tempestade de lágrimas, Hecatombe de sangue e silêncio, Debandar de labaredas Com cheiro de carne e dor. Agui seria o meu suicídio Se eu tivesse coragem De protestar contra a morte com minha vida.

Dorme, dorme, consciência, eu te acalento Como ao cadáver de um filho; Dorme, dorme, Hiroxima, nem te vejo Cego do fumo de tua chaga, Cego de minha chaga de vergonha.

Oh, teus pombos pousados no meu ombro Como cruzes de chumbo! Oh, teus pombos nos ombros das crianças Como asas de anjos... Tuas árvores verdes e vermelhas, Inúteis, paraíso de fantasmas

De carne viva!

Agui a humanidade morreu.

O mundo perambula em tuas cinzas Sem uma só garganta a gaguejar amor,

Sombras de náufragos num mar de nada.

Tu vês, amor, podias ter-me amado

Neste chão que moldasse nossos corpos

Como um baixo relevo — e nosso ai de orgasmo

Alertasse o ouvido do piloto.

O ouvido de Deus.

Amor, teu nome em casca de árvore, Dentro de um coração, onde estará?

Onde a tatuagem da nossa eternidade

Senão na imensa nuvem sem céu?

Hiroxima, ferro na ilharga,

Na testa e na alma de cada sobrevivente.

Aqui eu morri.

O amor do próximo

A primeira comunhão

O primeiro amor

O primeiro ciúme

O primeiro ódio

O primeiro cadáver

A primeira covardia

A primeira ambição

O primeiro amigo

O primeiro adeus.

Aqui eu morri.

Amor, balança-me em teu colo E canta para a minha morte

A morte de Hiroxima.

Fogo inútil

Vulção de crimes

Música de surdos

Beijo de pedras

Os pombos nos ombros das criancas.

O deus silencioso

O deus sem preces O riso quieto de Buda Os dedos calmos de Buda A mão vazia de Jesus O riso vazio de Deus. Em teus escombros serpenteiam Anúncios de Coca-Cola Como grafites de brayura. Foram homens que inventaram Os teus homens de mãos decapitadas? Escuto agora no teu vento A minha infância: Pátria, latejo em ti No chão de carne podre de Hiroxima. Se um átomo desabrocha em seu pólen Outro átomo sorve como um tóxico Então as coisas se tornam relâmpagos E fecundam os úteros da morte Tal é a fórmula do sábio Que nunca inventou a fórmula do amor.

Perdoa-me, Hiroxima, A esmola que não dei. Perdoa-me. Hiroxima. Auschwitz gerada num segundo, A mão que não estendi. Buchenwald deflagrada, Perdoa o teto que não te ofereci. Belsen, chuva de esterco, perdoa O copo dágua que neguei, Incêndio de napalm, bactéria de ódio, Perdoa a sepultura que neguei, Deserto de ossos, perdoa, Posta de carne latejante Sem olhos e sem boca, perdoa A vida que te goteja De um coração de plasma, Amada, perdoa os amantes sem amores, Perdoa, amada, se não fui amado, Perdoa, mulher sem homem, se não te amei,

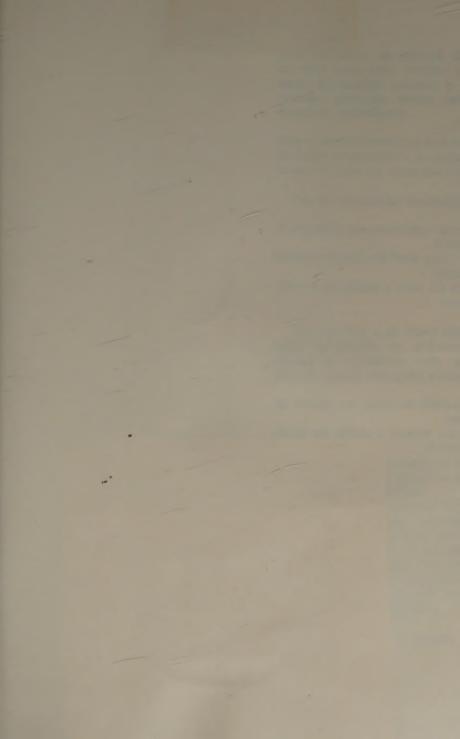
Mãe, perdoa se não fui filho, Filho, perdoa se não fui pai. Aqui seria o meu suicídio Se eu tivesse coragem. Estou sentado no teu parque, Hiroxima, E chovem tantas lágrimas Que não me deixam ver-te. Como no dia de tua lágrima Enorme lágrima goteja Sobre a tua inocência. Estou sentado no teu colo, Hiroxima, Como um órfão. Aspiro o teu hálito de enxofre Como o último sopro de ar da terra. Estou encravado na tua lava Como um fóssil. Hoje eu morri em teu beijo de brasa, Hiroxima, vomitando a minha crenca. Quero cantar para alegrar-te: Do que a terra mais garrida Nossos campos têm mais flores, Nossos bosques, Hiroxima, Têm mais vida, mais amores, Têm mais vida, mais amores, Têm mais vida, mais amores Como a agulha num disco de um só sulco. Nossas queimadas, nossos índios Varados de fogo, Hiroxima, E as palmeiras onde canta O sol de nossa terra — viva o sol! — Que cega como o sol da liberdade Em raios fúlgidos como raios de amor. As árvores de Hiroxima dão adeus Como folhas de pele humana Sugam seiva de carne Em seus troncos de granito As aves gorjeiam sangue. Aqui seria o meu suicídio

Enforcado como um sino
Na caveira do teu Domo
Se eu tivesse coragem.
E teus pequenos sinos são risos,
Crianças de asas de pombos.
Dorme, Hiroxima, e acorda nos meus braços,
Amante, remorso, pesadelo, sonho,
Estrume de paz.



Composto e impresso nas oficinas da FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA. Rua João Cardoso, 23, tel.: 283-0678 CEP 20220 - Rio de Janeiro - RJ









mos no ritmo da leitura. Mas do que tudo isso, porém, ressalta em alguns poemas a expressão satírica, como nesta explícita referência:

Mas se quer ingressar na antologia Se busca deslumbrar a Academia Longe de mim tal verso por favor.

Ou na expressão sarcástica:

F enquanto um necrológio alguém [desova

Penso em tudo que foste seu

Abro a braguilha e mijo em tua

[cova.

Ou, por fim, e de novo ainda mais eloqüente, na expressão direta e agressiva com que aborda certas situações sociais:

Só mesmo um bando de filhos-da-

Julga ser pátria o cárcere que [inventa.

Estas notas identificam seu estilo em todos os gêneros que

o Autor tem praticado.

Escritor dos mais fecundos (poeta, romancista, contista, dramaturgo, tradutor, jornalista), reconhecido no exterior particularmente por sua obra teatral, Guilherme Figueiredo traz com este livro um novo alento à poesia brasileira.

OS EDITORES

NÃO DEIXE DE LER outros importantes lançamentos desta Editora — EDITORA DO AUTOR BRASILEIRO —

Ficção

Milagre em Florença — Joel Silveira
O Passageiro da Nau Catarineta — Moacir C. Lopes
A Bola Encantada — Marcos Konder Reis
Algo Amarelo à minha Esquerda — Marcelo Suppa Meira
Histórias de Trancoso — Gonçalo Fernandes Trancoso
Vamos ler Joel Silveira (seleção de contos)
Vamos ler Guilherme Figueiredo (seleção de contos)
Vamos ler Hernâni Donato (seleção de contos)

Ensaios

Agrário de Menezes, um liberal do Império — Sá Menezes Flor de Romances Trágicos — Luís da Câmara Cascudo Antônio Carlos Gomes — Gaspare Nello Vetro Italianos e Gaúchos — Thales de Azevedo Matéria de Música — II — Eurico Nogueira França Luiz Gama e suas poesias satíricas — J. Romão da Silva

Este livro foi editado em regime de co-edição com o Instituto Nacional do Livro e passará a integrar os acervos de todas as bibliotecas públicas, estaduais e municipais, que recebem do INL assistência técnica e bibliográfica por efeito de convênios por ele firmados com Prefeituras Municipais e Secretarias de Estado em todo o território nacional.